

deferenestrando

Especial 8 anos



Matheus Chequim

Cursa 7º período de Jornalismo na UP. Integra a equipe do Defenestrando.

("Se o Raí é gay, eu também sou".)

Felipe Gollnick

É editor do Defenestrando há um tempão.

Sua igreja é a música ao vivo.

Mateus Ribeirete

Cursa 5º período de Letras na UFPR. Integra a equipe do Defenestrando. Lava bastante as mãos.

Cristiano Castilho

Jornalista (ainda está descobrindo o porquê)

e gosta de histórias bem contadas. Nos detalhes.

Leonardo Bonassoli

Jornalista da Gazeta do Povo, quase balzaquiano em crise, e ouvinte de música a sério desde o século passado.

Guga Azevedo

Curte a rua, a cidade e o agito da molecada.

O resto é moldura. Jornalista, editor do PMC.com.br e fugitivo no grandeescape.com.

Daniel Zanella

Cursa 7º período de Jornalismo na UP.

Um coração em algoritmo.

Marcos Monteiro

Quase jornalista, quase escritor. Fotógrafo.

Oswalter

Ilustrador paranaense. Publica seus trabalhos no endereço oswalter.blogspot.com.

Mayara Clebsch

22 anos, habita o Reino Doce. Atualmente é ilustradora e designer da Canecaria, além de trabalhar como freelancer.

Leandro Benyk

Lebenyk, ilustrador e músico. Seu portfólio está em leandrobenyk.wix.com/lebenyk.

EDITORIAL

Sempre que entramos no terreno da cena musical curitibana encontramos dificuldades para situar o que é, primeiramente, a cena curitibana e, depois, interpretar os sentidos e (des)caminhos da cidade. O que somos, afinal? Foliões do frio? Corações autofágicos? Uma província revisitada?

Em tempo: esta edição especial do RelevO, em parceria com o fundamental blog Defenestrando, que está a completar oito anos de existência – sim, a rapaziada do melhor blog do sul do mundo e do Brasil, como diria um grande amigo, está na labuta sonora desde 2005, descobrindo – não pretende te entregar o mapa acústico dos pinheirais, nem responder aos plantonistas sobre nossa tendência natural ao aniquilamento mútuo.

Queremos, antes de mais nada, falar de música, recuar nos palácios da memória e contar um pouco da história e do panorama da produção musical de Curitiba. Tarefa simples? Nem um pouco. Abrir o próprio cadáver alado que procria e ressignificá-lo não é medida que se completa de dia à noite.

Também por isto, este exemplar que você tem em mãos, meu caro, marca um novo horizonte na história do nosso periódico – de trajetória literária preponderante, mas sempre disposto a abrir espaço para o jornalismo, à música e aos estudos anatômicos sobre animais de pequeno porte. Este é o primeiro número de nossa revista trimestral(?), quadrimestral (?), semestral (?) a se dedicar exclusivamente à música curitibana – ou àquilo que julgamos ser a música curitibana ou simplesmente para dizermos sobre aquilo que achamos que devemos dizer.

Em suma: contaremos das bandas que vigoram, do passado que pulsa e dos dias que viram noites e voltam a serem dias. Falaremos de música.

Estamos às ordens.

Uma boa leitura a todos.

DEFENESTRANDO.COM



O Processo

O negócio é seguir no melhor estilo contagotas: numa relax, numa tranquila, numa boa

BNegão

Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella e Felipe Gollnick

Projeto gráfico: Marcos Monteiro

Revisão: Mateus Ribeirete

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 19 de fevereiro



Contato

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal RelevO

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para

jornalrelevo@gmail.com

PDF's das edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

JORNAL
RelevO

Leprevost, músico

Matheus Chequim

Da última vez que havia encontrado Luiz Felipe Leprevost, pouco mais de um ano atrás, o escritor contava os dias para o lançamento de seu romance "E se contorce igual a um dragãozinho ferido". Apesar daquele ser um momento posterior à boa repercussão que algumas de suas composições musicais tinham alcançado (e difícil não citar A Banda Mais Bonita da Cidade aqui), Leprevost estava focado na atividade literária e disse por mais de uma vez que custava a aceitar o uso do termo músico como uma de suas denominações artísticas, assim como poeta, escritor e dramaturgo. Se considerava apenas um artista dessas outras áreas que flertava com a música.

2012 avançou, o mundo não acabou, mas o pé atrás de Leprevost em relação à música aparentemente sim. Desde a metade do ano passado, progressivamente Luiz Felipe foi se desvincilhando do caráter puramente despretenso de sua atividade musical. Primeiro, foram dois shows modestos no Wonka, depois uma apresentação no Rio de Janeiro, Clube Curitibano, para, ainda em ascensão, fechar o ano com uma exibição destacada em plena Boca Maldita, na Virada Cultural, em um show que o faria ser aclamado como o novo poeta pop de Curitiba – como bem definiu o jornalista Luiz

Cláudio Oliveira.

Portanto, quase tudo é diferente neste novo encontro que tenho com Leprevost. Aquele primeiro havia acontecido no café da Livraria Arte & Letra, editora que lançou "E se contorce...", e deve lançar mais um livro do autor ainda neste ano. Este novo encontro acontece há poucos metros dali, na mesma quadra do bairro Batel, entre a Comendador Araújo e a Dom Pedro II, desta vez num café um pouco mais badalado.

Não é preciso nem começar a entrevista (ele ainda sequer me viu entrando pela frente do café) para que eu perceba que as pistas que Leprevost deixou a respeito de uma suposta nova autoaceitação (ou autointeresse, ou pretensão) musical, motivo de eu tê-lo procurado para uma conversa, parecem fazer sentido. Leprevost está debruçado sobre dois encadernamentos diferentes que ocupam quase metade da pequena e redonda mesa onde ele me espera. Conforme me aproximo, identifico um como sendo o livro Crônicas, de Bob Dylan, e o outro objeto é um bloco de notas onde faz anotações como se estudasse o livro.

Não é apenas Bob Dylan – o qual define como o grande artista do século XX – que Leprevost tem estudado. E nem só a música como fenômeno sonoro. A atenção do poeta está voltada não somente para músicos da cena pop e underground brasileira recente, mas também para as questões de mercado. Sob

esta perspectiva, acompanhou pela TV com alguma atenção o Festival de Verão de Salvador, transmitido todos os anos pela Globo. "É impressionante a capacidade que eles tiveram de criar mitos locais extremamente bem-sucedidos no nordeste mesmo e a competência que eles têm de expandir isso para o restante do Brasil. Por exemplo, nos grandes festivais de lá, quem fecha a noite sempre são os artistas locais, pois eles são justamente os mais fofos e mais respeitados. É impressionante isso".

A tentativa de compreender o mercado é o gesto deste novo Leprevost, determinado a, enfim, se aventurar, de uma vez por todas, pela música. Um disco

está a caminho, diz ele. O álbum duplo deve sair em março, e boa parte das músicas já foram gravadas sob a produção musical de Eugênio Fim. "Já Tive Uns Ataques, Vou Ter Mais Síncope (volume 1 e 2) só atrasa se emperrar muito tempo na burocracia da fabricação do material propriamente físico.

Leprevost vira algumas páginas do caderno onde havia tomado notas sobre o livro do Dylan, até parar numa onde as anotações estão dispostas em duas colunas: disco 1 e disco 2. Sem cerimônia, mostra o repertório deste próximo trabalho. "A única canção mais conhecida, por causa da Banda Mais Bonita da Cidade, é 'Solitária'. Escolhi não gravar nenhuma que eles

gravaram, que podiam ter um apelo mais imediato", conta ele.

A medida que Leprevost fala, imagino que preencher a lista de faixas que entrariam no CD tenha sido tão difícil quanto será pra mim transformar nossa conversa de duas horas em um resumo de uma página. Em ambos os casos, porque ele é prolífico. Tem muitas composições, vários parceiros, e agora, enfim, o que lhe faltava: um plano musical.

"Este ano eu pretendo investir meu tempo neste trabalho musical. Gostaria de fazer vários shows com o Eugênio, me inscrevi pra participar da Virada Cultural de São Paulo, temos datas encaaminhadas em Floripa. Estou me mexendo."



Texto sobre o texto sobre Chitãozinho & Xororó em São José dos Pinhais

Mateus Ribeiro

Chitãozinho e Xororó nunca fizeram parte da minha vida. Nem tanto por desgosto ou implicância (exceto na pré-adolescência), mais por falta de contato. Entretanto, quando meu pai disse que precisaria vê-los a trabalho, logo me convidei para acompanhá-lo. A escala do aleatório batia em aproximadamente 8.7 ao anunciar que a dupla sertaneja tocava de graça em um posto de gasolina em São José dos Pinhais, em plena terça-feira. Trazidos pelo Clube Irmão Caminhoneiro, programa da Shell, os cantores da nossa Galope(eee... eee)ira alegrariam quem bem se dispusesse a aparecer no Cupim III, onde estandes promocionais buscavam agregar novos associados. Preciso escrever sobre tudo isso, pensei animado. Mas escrever o quê?

Nocarro, eu e meu pai escutamos *Kind of Blue*, do Miles Davis. Ai já pensei em relacionar esse lance "música de preto pobre que branco rico idolatra" com o show, mas lembrei que o Miles Davis nem era pobre - que decepção ("e se eu mentir que tava escutando Ella Fitzgerald?") [Mas agora como vão acreditar que era mesmo Miles Davis?]. Na mesma moeda, prometi não supervalorizar o público apenas pra assumir o branco-classemédia-escolarizado ultratropical que sabe valorizar tudo que é nacional e popular e não se sente dominado por ilusões da importação cultural. Por outro lado, Chitãozinho e Xororó é muito melhor que Mumford and Sons e Foster The People. Oh!, as duríssimas escolhas ideológicas

Shell, havia um outro palco, menor, mais próximo ao posto em si, no qual alguma dupla iniciante tocava hits do sertanejo universitário (todos aqueles), o que me deixou curioso sobre a opinião dessas duplas pioneiras quanto ao universitário em si. Porque é comum postular que o gênero saiu de suas raízes, perdeu sua origem, desvirtuou-se completamente, como se o rock não tivesse surgido de negros, blues, gospel, Estados Unidos, e nem por isso julgamos suas vertentes como pálidas, descaracterizadas. Enfim, água sob a ponte; poucos realmente ainda se importam com classificação de gênero, sem ter aprendido que existe música boa e música ruim (ALERTA: nem toda banda inspirada em *My Bloody Valentine* é boa).

Seria um bom tema para o texto também, mas pelo visto Chitão e seu parceiro já colaboraram com alguns nomes dessa nova safra. Ai relembrei os cowboys de polo numerada do camarote, muito embora não tivesse tanto o que discorrer sobre isso. Ficava a pergunta: escrever o quê?

No público, quem mais me chamou atenção foi um sujeito bem magro franzino pele parda camisa larga clara amassada expressão de atordoadado ---, totalmente sozinho. Ficou entre o posto e a pista; parecia ter vergonha de seguir em frente. Cantarolava todas as músicas, baixinho (seriam sussurros?), muito provavelmente caminhoneiro (preconceito!). Vi algumas músicas ao lado dele, e fomos pelo mesmo caminho na saída. Ele entrou num caminhão (spoiler!), provavelmente acordaria daqui umas horas pra viajar; eu voltaria com meu pai, sem

de um inexpressivo branco-classemédia-universitário que às vezes se sente injustiçado por estar *kind of blue*.

Qual deles é pai da Sandy junior? Acho que nenhum; acho que é alguém do Dois Filhos de Francisco. Mas eles não são os Dois Filhos de Francisco?, talvez. Com esse nível de dúvida em mente, fica claro que uma análise profunda do show seria inviável, vinda de mim. Até os dois se comunicarem no palco, pensei que Chitãozinho fosse Xororó e vice-versa. Todavia, definir entre legal e chato não me exigiria nada senão o olhar atento de quem deliciava a experiência de constar num evento sertanejo-para-a-família pela primeira vez na vida. E quantas famílias!, inúmeras crianças foram levadas por pais empolgados, que provavelmente já se declararam um ao outro ouvindo 'Evidências'.

No telão, animações bastante toscas, meio Windows 98, acompanhavam as músicas, assim como bolas infláveis, gigantes, circulavam pela plateia até Xororó acabar com a farra "antes que alguém se machuque... e também atrapalha as filmagens". Tecnicamente, a banda chutava bundas enquanto os dois entregavam canções capazes de emocionar os milhares ali presentes sem qualquer dificuldade. Para "um palco provisório em um estacionamento" -parafraçando Gallagher I - o som era bem decente. E falando em decência: porra, como esses sertanejos são conservados. A meia dúzia que eu lembro de cabeça, ao menos, não parece fazer sucesso desde mil quinhentos e década de 70.

Além dos estandes da

pressa, dormiria até a hora da faculdade (faculdade!) e então teria tempo eterno pra pensar num texto sobre um show que jamais esperava ver - já deve fazer um mês.

Fato é que, enquanto branco-classemédia-universitário despreocupado improdutivo apático descrente, simpatizei com ele. Me identifiquei com a introspecção de alguém que emanava tamanha melancolia num contexto alegre. Todo branco-classemédia sabe que sensação é essa; quando você não quer ter pena porque pena assumiria prepotência, mas simpatiza de forma distante, fria, sem abrir a boca, "queria ajudar" (ajudar no quê? Nem sei se ele precisa de ajuda, esse fardo). Vai ver ele chegou em casa e encontrou uma mulher linda, dois filhos espertos, saudáveis, brincalhões, etc. [Vai ver ele bate na mulher; vai ver o caminhão tombou; vai ver ele é Jesus Cristo.]

Chitãozinho e Xororó nunca fizeram parte da minha vida. Nem tanto por desgosto ou implicância (exceto na pré-adolescência), mais por falta de contato. Entretanto, quando meu pai disse que precisaria vê-los a trabalho, logo me convidei para acompanhá-lo. A escala do aleatório batia em aproximadamente 8.7 ao anunciar que a dupla sertaneja tocava de graça num posto de gasolina em São José dos Pinhais, em plena terça-feira. Trazidos pelo Clube Irmão Caminhoneiro, programa da Shell, os cantores da nossa Galope(eee... eee)ira alegrariam quem bem se dispusesse a aparecer no Cupim III, onde estandes promocionais buscavam agregar novos associados. Preciso escrever sobre tudo isso, pensei animado. Mas escrever o quê?

"Sei lá, foi divertido".

Chuva e delírio no Carnaval curitibano

Ou: Anti-paranoia a respeito das folias de Momo na capital paranaense

Felipe Gollnick

A chuva cai impiedosa durante toda a tarde da quinta-feira em Curitiba. É traz o frio junto. Não é um bom sinal. Quase bate o desânimo de ver a grama empapada de lama enquanto você conclui “preciso pegar uma blusa” a poucos dias de um feriado e, pior de tudo, não é qualquer feriado, é o Carnaval. Azar, “essa é Curitiba”, penso, já acostumado com a garota temperamental que te trata bem e te trata mal dia sim dia não, e ainda assim você permanece apaixonado por ela, contra qualquer lógica.

Não estamos em Salvador, onde o Carnaval começou oficialmente às 17h30 de quinta-feira, estamos na cidade onde a Banda Gentileza faz a terceira edição de seu Grito de Carnaval no James Bar, Graças a Deus, a banda sobe no palco à frente de uma pista abarrotada de gente, e um rapaz do grupo está vestido de vaquinha, outro de Super Mario, outro de freira. Há uma grande diversão aqui, a festa é grande, o público está adorando, e, enquanto a banda curitibana mistura marchinhas de Carnaval com suas músicas próprias, confetes e serpentinas voam de lá para cá.

Algumas pessoas estão de máscara, outras poucas estão fantasiadas, e você pode notar um interessante e esquisito conflito mais ou menos ideológico, que é o da tentativa quase espontânea de um desabrochar da cultura carnavalesca em um ambiente não exatamente receptivo à cultura carnavalesca, ou, pelo menos, em um ambiente que é frequentado por um público que supõe-se não ser exatamente receptivo à cultura

carnavalesca, se é que esse termo existe. Conflito mesmo é o que acontece na manhã seguinte, quando a necessidade de trabalhar batalha ferozmente contra a ressaca, além da própria modorra automática adjunta às sextas-feiras pré-feriado. Uma Coca e um filé à parmegiana no tradicionalíssimo Imperial ajudam, mas a chuva persistente ainda desanima.

No final do expediente, a soma das poucas horas dormidas na noite anterior com o muito trabalho do dia faz com que o melhor programa para a noite de sexta-feira de Carnaval de repente se transforme no sofá da sala com a TV ligada. O que é engraçado, porque de alguma forma sinto que fiz um programa que supostamente é dos mais tradicionais do Carnaval em Curitiba, que é, basicamente: relaxar.

No dia seguinte, sim, continua a chover, e a chuva assim desse jeito acaba parecendo condição primária para o Carnaval nessa cidade, que coisa. Há uma festa de aniversário em família, e em algum momento surgem elas, que bom, as marchinhas de Carnaval, e, de um momento para outro, primos e tios e tias estão dançando no salão de festas enquanto jogam confetes e serpentinas de um lado para o outro e, poxa vida, caiu um monte de confetes no bolo e nos copos de cerveja, tragédia. Enquanto isso há outra festa rolando, amigos se divertem ao som de mashups, aquelas interessantes misturas de várias gravações diferentes em uma única música. Culturas diferentes misturadas todas ao mesmo tempo, e é necessário se apressar,

porque na Cândido de Abreu as escolas de samba já estão desfilando.

Premissa: quantos conhecidos você já ouviu falando que o desfile das escolas de samba de Curitiba é fraco, quase ridículo? Bobos: estão acostumados à imponência assustadora e psicodélica do que se vê pela TV nas noites de Carnaval. Aqui, à frente do Palácio das Araucárias e da Assembleia Legislativa, a chuva parou (incrível, finalmente, trégua) e há muita luz. Quanta luz. Os holofotes são muito fortes, e o som dos sambas de enredo ecoa em um raio de centenas de metros, e assim de longe esse som é até um pouco tenebroso, mas lá de pertinho não. Lá, aquilo tudo é demais, é incrível.

As arquibancadas estão todas tomadas de gente, gente que remexe quando a bateria passa, mas sejamos honestos que o remexo não é lá dos mais vibrantes. Ainda assim é contagiante poder ver a alegria estampada nos rostos dos integrantes das escolas de samba que estão felizes de estar ali, é a Mocidade Azul que está passando naquele momento. Não sei se a alegria que estou sentindo afinal é realmente por conta do desfile ou do oitavo aniversário do Defenestrando ou do muito que eu tinha bebido até então ou então de tudo junto e misturado, mas aquilo tudo era tanto que parecia perfeitamente plausível e necessário, na volta para casa de madrugada, abrir a janela do carro e anunciar em altos brados o quanto Curitiba e seu Carnaval eram incríveis.

No dia seguinte é domingo, há ressaca de

novo, e olhe quem está aí, ora, é a chuva. Mais uma vez cai muita água, não chega a ser daquelas tempestades que caem sem compaixão, mas uma chuva capaz de fazer muita gente desistir de ir à Zombie Walk, aquele evento legal em que as pessoas se maquam e se fantasiam de zumbis e caminham pelas ruas do centro da cidade em pleno domingo de Carnaval. O evento faz parte da programação do consagrado Psycho Carnival. Resolvo encarar a chuva porque sei que ainda assim muitos zumbis não terão medo dela, enquanto procuram pelos cérebros que estarão nas ruínas do São Francisco, ponto de chegada da caminhada.

Os pés já estão encharcados na primeira esquina, e ainda há muitas delas até que encontremos os milhares de zumbis que não arrefeceram e lotaram as redondezas do histórico teatro a céu aberto. Zumbis agora seguram guarda-chuvas, e a cena é no mínimo engraçada, mas é legal ver como tem tanta gente aqui. Há até a imprensa, que aqui e ali entrevista zumbilóides com câmeras e por aí vai.

Mais tarde é hora de efetivamente ir ao Psycho Carnival: esta é a terceira das quatro noites do festival (ou seis, no total, se você considerar também a festa de abertura e a da ressaca). Chego ao Espaço Cult e vejo todas aquelas pessoas tatuadas, alguns com jaquetas de couro, outros com cara de mau, mas o inusitado é ver que quando o trio argentino Los Primitivos sobe ao palco o som é de um rock tranquilo e alegre: rockabilly, ora. O vocalista é

simpático, faz brincadeiras em uma tentativa de portunhol com o público, que se diverte e entra na onda, e no final das contas o clima ali no local é ótimo.

Depois deles vêm As Diabatz, também um trio, mas agora de garotas curitibanas, essas sim são psycho, cheias de tatuagens, penteados audaciosos e som mais pesado. Representam, fazem pose de más, mas a garota do contrabaixo é toda sorrisos carismáticos quando desce do palco e fica circulando sozinha pelo meio da galera, recebendo cumprimentos de conhecidos e tudo o mais do social pós-shows. Após elas, sobe ao palco o grupo belga The Swampys, e mais do que nunca a cara de mau faz sentido: o vocalista/baixista tem um moicano, tira a camiseta e se esvai em suor e canta com um tom debochado. Surgem as rodas de pogo, aqui ainda em um nível bem saudável, mas elas são sempre um pouco assustadoras quando estão assim a quinze centímetros de você.

Já é alta madrugada quando a banda britânica The Caravans começa a tocar. Mais velhos, há uma reverência do público em relação aos caras que estão ali em cima do palco, e acabo assumindo a minha ignorância ao apenas presumir que a banda ali é bem importante. Na saída, os paralelepípedos encharcados do Largo da Ordem apontam que choveu bastante enquanto estive ali dentro.

Ainda há mais dois dias de feriado. Chove em ambos e a opção cultural para eles é: sofá. Afinal, não é de chuva e sofá que se faz um Carnaval em Curitiba? Pois já não sei, mas sei que há sofá também. Sofá é bom.

DJ Baco tinha um plano

Um mergulho seminal e dionisíaco na lendária Floresta musical

Cristiano Castilho

Sexta-feira, 23 horas. Você veste uma calça jeans larguíssima. Ao andar como um Jack Sparrow alucinado, derruba vinho barato na camiseta listrada. Alguém te surpreende e oferece ajuda. Boca roxa, dentes roxos, esse alguém ri escandalosamente. Pega no seu ombro, coberto por cabelos escalfobéticos, e fala algo sobre a banda que está tocando no palco há meia hora (alguma coisa como “que porra de música é essa?” ou “o guitarrista é da faculdade ou é estrangeiro?” ou ainda “aquela ali é caloura?”) antes de recarregar o copinho de plástico com vinho Campo Largo, acender um cigarro ou um baseado, e finalmente desembuchar, compenetrado: “E esse novo disco dos Los Hermanos, hein?” É 2003.

Não tinha lá muita escolha. Os noventa calouros que entravam anualmente na Floresta (o campus de Comunicação da UFPR é chamado assim porque até 2001 ele foi sede do curso de Engenharia Florestal) e eram corajosos o bastante para colocar os pés no Centro Acadêmico (o conhecido Cacos, porque publicitários não perdem um bom trocadilho, e jornalistas não perdem um ruim), aprendiam muito. Por exemplo, a sentar em um sofá de couro puído, depositar a mochila de lona em um caixote de madeira que servia como

mesa de centro. E depois ler e transcender, com uma frase do mitológico Pedro Lauro gritando na parede. Já os veteranos jogavam Copas com um baralho amarelado e olhavam de soslaio quando um calouro se atrevia a colocar um CD no resistente, pichado, empoeirado, adesivado, maltratado aparelho de som. Era o ritual final. O Bar Mitzvah dos novatos. A Labyrinth Zone de Sonic. Você, puro de tudo, seria julgado pelo seu gosto musical. Quase sempre isso era divertido e, se o aparelho pré-histórico não cuspiasse o disco antes, ele tocava mesmo. A consequência viria nos anos seguintes.

Os recém-chegados que começavam a frequentar o Cacos eram submetidos a intensas conversas sobre música, fotografia, os mistérios da vida, as comunidades do Orkut e as lendas do campus. Funcionava como a aula de Comunicação, Sociedade e Cultura, só que na prática. Em suma, era um grande sinal da convergência entre pessoas que viviam a mesma época e compartilhavam, em partes, os mesmos gostos – e até sonhos. Por isso, algo surgiu. Em 1947, aprendemos, Adorno disse que certamente era algo a ver com a cultura de massas; trinta anos depois, Caê chamou o troço de Força Estranha; e finalmente, naquele 2003, Marcelo D2 provou que estávamos todos em busca da batida perfeita. No caso do pessoal do Cacos, a procura coletiva

acabou graças um combo de fatores, que envolve módicos aparelhos de MP3, grandes festivais de música e uma Wap – aquelas lavadoras de calçadas que têm um jato tão forte que é capaz de fazer um buraco no seu pé mas que, incrivelmente, não risca o seu carro.

Ninho

Entre 2001 e 2006, o Cacos serviu como bastidor, camarim e palco inicial para algumas bandas curitubanas que alcançaram relativo “sucesso.” Enquanto umas desviaram do caminho e guardam boa reputação, outras estão na ativa, comemorando seus discos lançados, shows abarrotados, cliques bem produzidos e a fama, circunstância mais efêmera do mundo.

O grande evento onde tudo acontecia, conhecido e copiado, era (ainda é?) a vinhada. Simples: montava-se um palco rústico no meio do Cacos. Nada de burocracia. Era só avisar alguns dias antes, chegar, tocar e beber. Sem se desculpar pelo auê. “Era tudo muito precário, mas mesmo assim ninguém ligava. A qualidade do som era uma bosta, o equipamento muito ruim, mas o que importava era a boa vontade e toda a união que aquilo proporcionava,” lembra Túlio Pires Bragança, publicitário que formou as bandas Buttertoffs (fazia covers honestos de Pavement, Oasis, The Verve, Screaming Trees e Radiohead) e Johnz, que contava com

as desabilidades deste jornalista e lançou um EP em 2005 – o Johnz também era formado por Diogo Fernandes (bateria), Diego Perin (baixo) e João Paulo Borgonhoni (guitarra). Na sequência, com Heitor Humberto, dariam origem à Banda Gentileza.

E aos que praguejam contra o saudosismo em relembrar isso tudo, bons argumentos. A vinhada, nessa época, tinha shows gratuitos de uma das melhores bandas que Curitiba já ouviu. A – sempre nos perguntávamos se era “A” ou “O” – Poléxia, grupo de Rodrigo Lemos que hoje colhe frutos com a Lemoskine (ou O?) e A Banda Mais Bonita da Cidade.

Mal sabíamos, pena, mas foi mesmo um privilégio ver Poléxia tocando “Aos Garotos de Aluguel” ali naquele e em outros palcos duvidosos. Porque, mesmo na confusão geral do som e da festa em si, algo brilhava. (#voltapolexia!).

“Olhando em retrospecto, acho que foi um momento muito especial em que as pessoas conviveram em sintonia. As festas, que acabaram por revelar bandas importantes do cenário local, me pareciam também uma extensão do curso de comunicação; com seus temas engraçados, seus frequentadores lendários... Era como se as vinhadas fizessem parte da grade curricular”, diz Lemos, que nunca estudou no campus, mas era assíduo da festa. A Poléxia lançou um discaço em

2004 (O Avesso), chegou a abrir para Los Hermanos e se despediu do mundo com A Força do Hábito (2009).

Troca-troca

Imagine um mundo sem YouTube. Era assim em 2003. Apesar da popularização dos sites Myspace e Trama Virtual, na época o compartilhamento de música ainda era feito na base da troca, via MP3. Lembro de alguns eventos distópicos, em que levávamos nossos computadores – grandes e desengonçadas caixas brancas – na casa de amigos para compartilhar músicas. Só assim para ouvir Placebo fazendo cover de Boney M. Assim ou ir às vinhadas e ouvir a banda Upsters.

O trio formado por Artur Lipori (hoje trompetista,





guitarrista e membro mais entroncado da Gentileza), Diogo Fernandes e João Paulo Borgonhoni, causava faniquitos ao emendar um Soundgarden num Smashing Pumpkins, ou um Silverchair num Blur. Era uma banda grunge-indie-pop conhecida por suas versões e por algumas zoações, caso das interpretações de "Baby One More Time", de Britney Spears e "Saí da Tua Vida", de Reginaldo Rossi.

"Se para muitas bandas a primeira barreira era encontrar um lugar para se apresentar, na Floresta isso não existia. É claro que acabava aparecendo muita gente que não agradava. Mas o sistema era autorregulativo: você tocou e as pessoas gostaram, você volta. Você tocou um metal progressivo instrumental com quatro guitarras solando e ninguém entendeu, seja bem-vindo à plateia. Era uma espécie de seleção

natural fonográfica que, 12 anos depois, ainda traz seus sobreviventes," diz Artur Lipori, que também fez parte da gestão do Cacos responsável por transferir a sede do Centro Acadêmico de "uma área pouco convidativa, uma saleta apertada e escondida que, se fosse um jogo de batalha naval seria o quadrante I9, mais ou menos," para "um galpão abandonado, sujo e inóspito a 30 metros da entrada da sala

de aula." Mas, conta Artur, "no interior daquele barracão escuro e úmido ecoou um suspiro de otimismo: 'se a gente passar uma WAP vai ficar legal'". Ficou. Comprovando a já indubitável verve musical daquele lugar: dessa mesma gestão do Cacos fazia parte o publicitário Carlinhos Esteves, hoje engenheiro de som do, hmm, Paulinho da Viola.

Quem te viu, quem te vê

Parece até caso da carochinha. Mas, a cidade que foi recentemente escanteada em se tratando de grandes shows e festivais, recebeu, entre 2003 e 2007, três edições do Curitiba Pop Festival e dois do TIM Festival. No Orkut e nos papos pelo ICQ (!) e MSN, muitas emoções ao comentar sobre a confirmação de shows de Weezer, Teenage Fanclub, Björk, Arctic Monkeys, Mercury Rev, Raveonettes e Pixies, banda que rendeu uma baita gripe à Heitor Humberto, vocalista da Banda Gentileza. Ele passou mais de 24 horas no sereno: foi o primeiro da fila a comprar ingressos para o Curitiba Pop Festival 2004.

"Além dos festivais, Curitiba parecia estar dando atenção à música autoral da cidade. Tudo isso funcionou como um alicerce. Entrar na faculdade e conhecer várias pessoas com gostos musicais semelhantes ou que apresentavam aos amigos outros estilos, potencializou tudo. Ainda mais com a presença de músicos no campus, dispostos a criar canções e apresentá-las em festas frequentes em bares toscos e nas vinhadas, que rolavam praticamente todos os meses. Tudo isso ajudou a compor um cenário propício", diz Heitor, que lembra de outros "projetos paralelos" na Floresta.

"Teve show de bossa nova (Bora em Bossa), tosseiras duvidosas (Três de Marchand e Urso Panda Banda), e as bandas iniciantes (Sabonetes, Gen-

tileza). A execução das faixas, obviamente, acabava sendo o menos importante. Enfim, era uma grande piada interna e eu imagino que todo mundo ali achava graça." Se antes era verde, a Banda Gentileza virou sinônimo de criatividade e o grupo a ser batido em matéria de show. Um novo disco deve sair em 2013.

Contemporânea da Gentileza, a Sabonetes também surgiu de ensaios despreziosos entre uma aula de criação publicitária e redação jornalística. As primeiras apresentações, marcadas por covers de Franz Ferdinand, Coldplay, Strokes e Pixies – e por gritos de "Salim! Salim! Salim!", homenagem espontânea e insistente ao ex-baixista – foram nas vinhadas. Logo a banda achou seu caminho. Neste ano, lançam um disco novo, cercado de expectativas. Bom observador, Artur Roman, vocalista e guitarrista, explica porque o estopim do sucesso foi na Floresta. "Acredito que seja pela escassez de aulas no departamento e pelo excesso de criatividade e energia dos alunos. As vinhadas eram momentos catárticos. A gente estava experimentando a música e a vida. Tudo isso regado a grandes quantidades do maravilhoso vinho ruim e barato."

Há mais de dois anos não vou à Floresta. Deixei de acompanhar a vinhada lá por 2009, quando o show, ao mesmo tempo desavergonhado e sincero de novas bandas, foi sumariamente substituído pelo som mecânico e guturalmente grave que vinha do porta-malas de um carro estacionado quase dentro do Cacos. "Tuch tuch tuch, tuch, tuch, tuch, zóóóóóóinnnn, tuch tuch tuch." As vinhadas ainda acontecem, não sei com quais bandas. DJ Baco, dizem, trocou de disco.

Oneide Diedrich

Lágrimas Alcoólicas

Tens mesmo certeza que essa angústia vai passar?
Que serás feliz tendo dinheiro pra gastar?
Um Corsa usado e sujo em frente ao portão
Missa aos domingos, ver televisão

Conquistar o mundo sem sair do teu sofá
Ser bem conhecido, ter piadas pra contar
Visitar parentes, casamentos, batizados
Décimo-terceiro pra curtir o feriado (de Natal)

Tudo é tão legal, basta não olhar
E seguir fingindo sonhos encontrar
Futebol na quarta, férias no verão
Lágrimas alcoólicas pra pedir perdão

Conquistar o mundo sem sair do teu sofá
Ser bem sucedido, ter bobagens pra falar
Visitar parentes, funerais e batizados
Décimo-terceiro pra curtir o feriado (em Natal)

Tudo é tão legal, basta não sonhar
Sonhos são pra loucos que querem amar
Futebol na quarta, férias no verão
Lágrimas e cólicas pra pedir perdão

Velhos Dias (De jeans e camiseta)

Voltei aos velhos dias tomei umas boletas
Dormi quase três dias falei com o capeta
Estou apaixonado agora é a Julieta
Ando todo tarado por sua pinta preta

Mudei toda minha vida de jeans e camiseta
Comprei um terno azul gravata borboleta
Pra ver se eu consigo beijar essa menina
Pra ver se eu consigo comer a Julieta

Fui na casa da Sônia
A Sônia não me deu
A Yaskara casou
A linda já morreu

Mas ela não me quis me chamou de careta
Jogou as flores no lixo, tulipas e violetas
Fiquei com muita febre usei minha jaqueta
Corri para a farmácia tomei outra boleta

Voltei pra velha vida de jeans e camiseta
Joguei o terno fora gravata borboleta
Pra ver se eu consigo esquecer essa menina
Pra ver se eu consigo matar a Julieta

Rosanne Machado

I Couldn't Reach You

I'm tired my head is pulsing like a bomb
I was found on the ground
With a stolen wallet and phone
You know they have no respect for us
You know they have no respect for us

They took you away from me
To somewhere cold nearby the sea
Where i couldn't reach you
And they burnt our houses down
With no living soul around
I cannot prove it
So take it from me

And they can burn down bridges
And buildings and stores
But they won't break our spirit
'cause we do have heart
You know they have no respect for us
You know they have no respect for us

Darkest Horse

Down the rail road
The prairie air
Is running heavy
And your clothes
Are worn out from dust
From just laying there

And if given the chance
Would she lie beside you
And avoid to recall
That you were ever in love

She's the darkest horse
You'll ever see
She will break her back
To hurt your knees

She's the darkest horse
You'll ever know
Running even faster
Through the snow

Ecos do fim do século passado



Leonardo Bonassoli

Já estamos nos anos 10 do século XXI, mas a última década do século XX ainda ressoa na música. Foi o momento de ouro do rock curitibano, que conseguiu um bom alcance na mídia local.

Eu passei a ser maior de idade em 2001, já no novo século, algo sintomático. Coisas da adolescência marcam mais a gente do que as da idade adulta e muitas caem naquela nostalgia de quem está chegando perto dos 30.

Os anos 90 do rock curitibano foram bastante ricos. Até pela minha idade, acabo por lembrar bandas que chegaram com mais fôlego ao fim da década, ao ponto de virada, àquele tempo em que, guri pançudo no começo da década, imaginava que estaríamos todos andando em carros voa-

dores, como nos Jetsons.

Tinha para todas as vertentes. O pessoal mais em sincronia com o sincretismo cultural do rock nacional da década (como Chico Science & Nação Zumbi ou levadas mais pesadas do fim de década, como a fase Lavô Tá Novo em diante dos Raimundos) tinha em seu quintal gente como Fuksy Faluta (que ganhou concurso na MTV), King Kong de Conga, Pogoboll, Boi Mamão, Ziriguidum Pfoin, Resist Control e outros.

O pessoal do punk poderia procurar pela cidade os sons do Beijo AA Força, Pinheads e No Milk Today. Gigantes locais como Blindagem e Relespública estavam perto do auge. O Psychobilly, até hoje uma particularidade local, com uma cena fortíssima, tinha Os Catalépticos e Ovos Presley entre seus representantes, no que foi a semente do Psychocarnival, evento que existe até hoje na cidade e é uma alternativa ao eskindô tradicional.

Posso ficar enumerando estilos e seus representantes a tarde inteira, mas fico com alguns sons que ecoam até hoje no que ouço, o lado mais indie daquela Curitiba que chegou a ser chamada de Seattle Brasileira, mas, como a cidade do grunge é mais jovem, eu e meus amigos jocosamente chamávamos Seattle de a Curitiba Norte-Americana. O gênero aqui pegou o nome de guitar, pois o indie noventista tinha forte apelo da guitarra. Muitos

cantavam em inglês (é, Jack Endino), como Mosha, Whir, Woyzeck, Bloom, Plastic Fish e demais. Algumas, um pouco mais raras, cantavam no idioma de Camões, como o Neo, o Zigurate, o Cores D Flores e os pontagrossenses do Elliott, que, mesmo localizados a 130 km da capital, eram presença constante.

O principal jornal do estado, a Gazeta do Povo, tinha na época em seu suplemento jovem chamado Fun (hoje extinto) uma plataforma de levar ao grande público movimentações da cena. Várias bandas locais inclusive apareceram na capa-pôster (devo ter algumas aqui comigo) da publicação. Hoje, isso é cada vez mais raro, exceto quando algum fenômeno, como foi o estouro d'A Banda Mais Bonita da Cidade, reflexo da Poléxia, banda que surgiu poucos anos depois.

Se isso rolará em algum revival, tão comum na cultura pop, não se sabe. O paranaense não se consome tanto quanto o gaúcho e a maré é atualmente contrária. Aqueles foram anos de ouro, tanto que esqueci dezenas de nomes. Um levantamento da época falava em até 500 bandas. O número hoje pode ser parecido, mas o lugar ao sol parece ser mais difícil para se encontrar; e não é porque a cidade é fria (!?) e chuvosa. Um dia, quem sabe, possamos chamar os anos 90 de Curitiba como a primeira era de ouro e não como a última.

Curitiba rebola e não foge da transa

Guga Azevedo

O último domingo do pré-carnaval 2013 no Largo da Ordem chegava ao seu final. O bloco Garibaldis e Sacis já tinha terminado o cortejo e o que sobrou era uma série de foliões empolgados e espertalhões que lançavam a sorte para os últimos minutos de festa. Eis que caiu o maior toró já visto na história de um pré-carnaval (imagino/exagero). Nos abrigamos em um minúsculo guarda-sol instalado em frente ao bar Fidel, junto com mais umas vinte pessoas e o fim de um bloco que mandava umas baladonas funk para agitar a chuva. Foi aí que o Baiano virou e disse: "Por isso que os gringos vêm ao Brasil e ficam loucos. Olha isso, chuva, funk, galera animada, domingo e é Curitiba". Concordei... A cena era bem improvável por aqui. Aí rolou o estalo: O TEXTOSOBRE OFUNK CARIOCA EM CURITIBA QUE O FELIPE TINHA PEDIDO!

Putá merda...

Encontrei o menino Gollnick no dia seguinte e reconheci a cacada; estava quase uma semana atrasado. Mas, pelo menos, já tinha a introdução para a conversa.

Vamos lá...

*Coça o saco
Amassa a massa*

*Recheia o frango
Tem pentelho tem cabelo e até perna de barata
(Tem aqui na esfíha do rolê)
Na esfíha de presunto veio até um dedo junto
(Tem aqui na esfíha do rolê)*

Essa vontade de tentar entender e registrar qual é a relação do funk carioca com a cidade é mais um reflexo da forma como encaramos a capital paranaense. Curitiba é uma jovem menina mimada que vive com a constante necessidade de ser agradada e surpreendida. Sempre perguntamos como ela está, se está feliz, triste, satisfeita ou não. Disponibilidade integral. Tentamos compreender suas necessidades e, em quase todas as noites de cervejas tomadas em botecos sujos espalhados por aí, nos arriscamos para decifrar seus sinais e continuar o mimo. Porém, como uma boa garota difícil que retarda o sexo iminente, às vezes é bom ignorar sua existência para chamar a atenção. Ela cai facilmente no jogo e o flerte continua.

O funk ganhou espaço aqui desse jeito. Aproveitou a brecha dada no gelo da relação para nos autopreservarmos. Funcionou. Foram três moleques "não-artistas" que inverteram a situação e ganharam atenção do mercado exterior antes de Curitiba. Rolou um ciúme na medida certa. Essa pauta toda, senho-

ras e senhores, começa com o sucesso do Bonde do Rolê.

*A gente como linda
A gente como inteligente
A gente como o trio mais foda
A gente como delinquente
Alegria da moçada, da perua a favelada
Nosso som é fantasia pra mamãe, vovó, titia*

Lá por 2005 o gosto pelo funk carioca nas baladas já existia, mas era velado. Vivíamos uma boa ressaca das novas bandas locais que seguiam reconhecidas pelo cenário nacional - em um impulso dado com a primeira edição do Curitiba Pop Festival e a atenção de toda a mídia especializada do país voltada para cá. Hoje podemos olhar para o passado, de forma mais otimista e dizer que tínhamos uma cena. Só que ela não vingou. As causas e detalhes ficam para outro artigo. Mas basta saber que, em boa parte dos shows autorais que rolavam no eixo da Trajano Reis, ouviam-se batidões depois das quatro da manhã.

Entre eles, estavam as primeiras bases e letras de sacanagens criadas por Rodrigo Gorky, Pedro Deyrot e Marina Vello. Pancadas que tremiam as suadas janelas do bar Retrô e ecoavam pela rua lotada por todo tipo de gente. Um carnaval semanal. A histó-

ria sobre o improvável trio dos pinheirais, que utilizava bases de hard rock e disco music para criar funks, você já sabe. Assim como o fato deles serem descobertos pelo - hoje hypado - produtor Diplo (Mad Decent/Major Lazer) e levarem o nome de Curitiba e das esfíhas do Rolê para os principais festivais de música do mundo (Europa, Ásia e Estados Unidos). Ganham fama, ficaram grandes e conhecidos, funkstars, tretaram e perderam a Marina, substituída por novas vocalistas eleitas em um concurso nacional da MTV. O resumo geral do Bonde do Rolê é esse.

Mas, contar a história em detalhes, não é uma tarefa das mais fáceis. A primeira parte da carreira do Bonde do Rolê segue esfumaçada e cheia de lapsos de memória que aterrorizam até hoje boa parte das testemunhas da época. Nas últimas vezes em que os integrantes do grupo passaram por aqui, mesmo depois da saída de Marina, eu tentei cutucar algumas lacunas de datas e fatos para montar esse início... E sempre terminava com um "não lembro".

"Pedro, quantos shows rolaram antes do Bonde ir para a gringa?"

"Cara... Foram uns três, acho. No Retrô, outro naquela balada da Batel com o Diplo e o do Era Só o que Faltava, abrindo para o CSS. Sem contar o

que fizemos em Floripa... Ou foram quatro shows aqui? Não lembro..."

"Gorky?"

"Acho que foi isso mesmo. Não lembro direito..."

Eu também não lembro. A primeira vez que ouvi as músicas do Bonde foram nos duelos funks que fazíamos nos finais das festas Big Mutha Truckers Party, com as discotecagens de Gorky e Pedro x Trucker e eu. Já vinham encobertas pela neblina ciumenta da mimada Curitiba. O importante é a cena marcada (e relevante) junto com a sensação de vê-los pela primeira vez no palco. Aqueles três moleques faziam quase uma hora de show sem pausas, em uma espécie de universo paralelo, onde punks rasgados e sujos rebolavam até o chão em uma rave tocada por clássicos das extintas discotecas. Ironia atrás de ironia regadas a escatologia primitiva que não parava de bater e bater. Vinham na crista da onda de uma tendência mundial que estava prestes a estourar e propunha justamente um retorno tribal dos grandes centros urbanos, da moda, música e hábitos. Ninguém sabia disso, nem eles.

Eu só não lembro se esse primeiro show foi do Retrô ou no Era Só o Que Faltava... Para comprometer mais ainda o paparico que estava em falta com Curitiba, esse sucesso conquistado pelo

Bonde já tinha sido ras-cunhado alguns anos antes, só que em São José dos Pinhais. Estava aberta a porteira para mais pancadão. Se prepara para um intensivão funkeiro em alta velocidade... e muita treta.

e aí charly xyn o que você me conta?

tem uma faca na sua bunda, daquelas de ponta esse brinquedo, cada uma que ele apronta...

diz aí sha-zan o que mais ele inventou?

da minha coleção nenhum brinquedo sobrou

ele matou os "praymobil", a barbie ele "estrupou"

nem o videogame o desgraçado perdeu

Com o Bonde do Rolê ultrapassando a altura dos pinheiros, não demorou muito para lembrarem dos Manymais e a famigerada história do boneco Chuck. A dupla Charly Xyn e Sha-zan ganhou destaque instantâneo pelo país alguns anos antes, quando sacanearam o Tchan - pegaram o "segura o Tchan" e transformaram em "segura o Chuck". Era um rap lindão e toscos com um vídeo bizarro idolatrado pelos Piores Clipes do Mundo, da MTV. Eles até esboçaram um retorno para aproveitar o embalo da memória coletiva e a piada requentada pelo Bonde... Mas, infelizmente, não foi para frente. Triste.

O que funcionou também foi detonar o umbigo de piercing e atirar para todos os lados com críticas e piadas baixas locais que podiam ilustrar portas de banheiros públicos. Essa é uma descrição que a turma do Bonde das Impositora (singular mesmo, ô

revisor) até poderia se orgulhar, mesmo que atualmente alguns integrantes queiram apagar esse passado recente de suas vidas. Eles usaram o Bonde, James Bar, Lucio Ribeiro, Shopping Curitiba, vinas, leite quente, topetes... E ilustraram histórias bizarras para tocar terror dentro e fora da cidade. Mas era só tipo... No fundo, todos se amavam.

e vai se nós, vai se nós dominando os baile funk que rolê que nada as impostora é que são punk rolê de cu é rola e quem gosta é baitola

Lembro também que essas pancadas não rolavam somente nas baladas modernetes-alternativas... Caio Marques é um cara que aposta até hoje na pegada charmosa do funk e consegue colocar rimas em samba, rock e folk. Desde o Frutos Madurinhos do Amor (em meados dos anos 90), até os improvisos do Bad Folks (anos 00) e a única apresentação de um dos melhores projetos de samba já visto nessa cidade, o Charles Bronson Samba Explosion; Caio estava lá, contando suas histórias urbanas entre batidas e poesias que hoje ecoam em seu trabalho solo. Ele correu pela beirada e também foi longe, com música distribuída em disco encartado no jornal The Guardian e participações em programas de rádio de Nova York. Funk-poesia curitibano.

E o som que eu ouvia repete e desmancha

E parece que já não se ouve o alarme

Ele então se divide, e cada pedaço

Ecoa mais alto na minha

cabeça

E não é mais barulho o que vêm da calçada

É não é mais cansaço, eu não sinto mais nada

E a cidade esvazia

Aí você faz a soma do esfumaçado início do Bonde do Rolê junto com essas outras iniciativas funkeiras que surgiram na cidade e tenta encontrar uma relação. Ok, Curitiba, vamos voltar

DEATH



BEFORE DECAF

a te paparicar... Mas não do jeito que você espera. Esses exemplos lembrados aqui (entre outros desconhecidos) não representam uma cena ou um movimento... É justamente o contrário. São sinais de desapego e de sangue que ainda corre nessas veias artísticas que se levam tão a sério em seus bares e estúdios. Rebole na velocidade 6 do créu, minha

cara cidade, e desça até o chão. Você não vai esquecer tão cedo desse tapa de luva. Com amor.

Angústia e cara-de-pau: a ascensão do Audac

Felipe Gollnick

Dois garotas se aproximam da mesa em que estamos sentados em frente a um café do bairro São Francisco, em Curitiba. Uma delas, falante, fuma um cigarro e, enquanto não o termina, a outra parece introvertida a ponto de evitar se sentar antes da amiga. Terminado o cigarro, Alyssa Aquino e Débora Salomão, as duas moças à frente do Audac, estão finalmente sentadas em nossa mesa.

Enquanto venta na rua Trajano Reis, elas esboçam sorrisos, contam sobre a história da banda e não parecem exatamente as mesmas figuras sérias e introspectivas que estão no vídeo da música Distress. De produção caprichada, o clipe atraiu olhares positivos para uma banda que já começava a se destacar no lado indie do cenário musical curitibano. Dali foi um salto de reconhecimento, e o Audac passaria a estampar posts em blogs variados e ganharia destaque em publicações da cidade – e até em uma coluna de Bruno Natal no jornal O Globo.

Tudo isso começa lá atrás. Desde cedo as duas tocavam em bandas e iam a shows uma da outra. Punks. Débora tocou na Funny Riots (definida por Neri Rosa, blogueiro e apresentador do programa Último Volume, como lendária na Curitiba dos anos 90), Alyssa “queria ser Joey Ramone”, conforme brincou durante nossa conversa. Passada essa fase, tocaram juntas no Texas Tornado ao lado de Rodrigo Sielski, que possuía um projeto em

que tocava acompanhado de uma bateria eletrônica primitiva chamada Audac (aparelhinho que possuía poucos ritmos diferentes e chegava a tropeçar durante a execução de algumas músicas). Dissolvido o grupo, Alyssa e Débora seguiriam em frente, levando o nome do objeto como título da banda e acompanhadas de novos integrantes.

Em 2011, o Audac lançou Bunker, um EP em que o conjunto se apresentava como uma banda que partia do trip hop para dar um abraço no synth pop. Havia nele uma melancolia sofisticada, como se alguém que tivesse ouvido Depeche Mode e indie pops dos anos 2000 estivesse compondo músicas em um momento de tristeza, ainda que se esforçasse para reerguer-se e bolar um ritmo contagiante. O resultado era uma mistura dançante com fortes doses de angústia liderada por Another, faixa que mostrava um grupo com potencial para se transformar na nova banda favorita de bastante gente.

Há muita carga pessoal nas músicas das duas. Tanto que, em shows mais recentes, o Audac deixou de tocar Another – para a decepção de alguns fãs que queriam ouvi-la ao vivo. “Não tenho vontade de tocar algumas canções antigas porque elas têm muito a ver com o momento que estávamos vivendo quando as escrevemos”, conta Débora. Passada a fase, passa a vontade de apresentar a música. “Agora já estou em uma fase em que consigo tocar Another para

outras pessoas. Mas até pouco tempo atrás, não conseguia.”

Por quê? “Ah, porque quando você está passando por um momento de raiva, você não quer tocar uma música que é uma declaração”, diz ela, enquanto Alyssa dá um risinho discreto de quem sabe o que a amiga está falando. As duas levam para o palco o que acontece em suas vidas. “Algumas pessoas cobraram da gente uma postura mais animada, mas não rola”, continua Débora. “Já fiz show chorando.”

A banda chegou a 2012 de formação nova. Ao lado das duas garotas estavam agora o baterista Pablo Buseti e o guitarrista Alessandro Oliveira, que tocava no Copacabana Club e com o qual viveu um expressivo momento de aprovação e exaltação como boa novidade – algo talvez semelhante ao que o Audac esteja vivendo nesse instante.

A impressão é que a chegada dos novos integrantes fez o grupo dar um salto qualitativo muito grande. Vimos isso tudo a partir de um vídeo: Distress, gravado para as sessions do blog Popload. O convite para a participação veio após Alyssa encontrar Lúcio Ribeiro no James, durante uma passagem do blogueiro por Curitiba, e entregar-lhe uma cópia de Bunker. O EP era apenas um entre tantos discos que encheram a mochila do jornalista na volta para São Paulo.

...O que não foi um obstáculo. Lúcio ouviu o CD, a banda foi convidada para participar do quadro

(em que nomes nacionais e internacionais se apresentam com alguma frequência) e não fez feio: em um competente vídeo registrado pela produtora Zebra Music e publicado em junho, o grupo mostrou que no último ano passara por uma evolução musical significativa. Distress era uma viagem sonora climática, melancólica e grandiosa, quase lisérgica.

A bela performance chamou a atenção do público e agradou o blogueiro, que fez um novo convite ao Audac: abrir o show do Tame Impala (grupo australiano que muito tem se destacado internacionalmente) durante o Popload Gig, no Cine Joia, em São Paulo. Alyssa já estava planejando viajar à terra da garoa para não perder a apresentação da banda do espiritualoso Kevin Parker quando recebeu a mensagem com a proposta. “Fiquei com vontade de ligar para todo mundo”, brinca. Foi o primeiro show do Audac com a nova formação.

No dia do evento, conversaram com os caras. “São uma molecada gente boa que parece que ainda não caiu a ficha para eles ainda”, lembra Débora. Alyssa completa: “Eles acharam que nós éramos iguais a eles. Perguntaram se a gente estava em uma turnê e em que cidade faríamos nosso próximo show. Falamos que estávamos voltando para casa para trabalhar no dia seguinte”, disse, para o espanto dos australianos.

A questão do hype é complicada. Muito se tem visto de bandas que são escolhidas e aclamadas momen-

taneamente por público e formadores de opinião, donas de um som que seria fácil e preguiçoso denominar “descolado”, ou, ainda, pura e simplesmente “legal”. Por suas características, um observador desatento poderia dizer exatamente isso do Audac. Mas não é o caso. O grupo tem se mostrado em uma ascensão tranquila, segura e constante.

Prova disso foi a escolha de Distress como Música do Ano em Curitiba na edição mais recente do Prêmio Defenestrando. Um corpo formado por 22 jornalistas, blogueiros e produtores elegeu a faixa como a melhor canção lançada na capital paranaense durante 2012. Na votação, a música do Audac ficou com quase o dobro de pontos da segunda colocada – a aprovação foi maior do que a conquistada pela incontestável Oração (música que viralizou pela internet e fez A Banda Mais Bonita Da Cidade ganhar destaque no Fantástico) no mesmo Prêmio em 2011.

As duas garotas ficam felizes com a aprovação, mas não entendem exatamente o motivo de toda essa repercussão ter começado de uma hora para a outra. “Não sei o que houve”, diz Débora. “É estranho, porque não sei se muita coisa mudou na banda. E de repente algo passa a ser legal. Mas está tudo igual, você acorda igual, compõe igual. Sei lá”, indaga.

Se algo mudou no Audac (além das óbvias alterações na formação), foi a vontade de correr atrás dos objetivos. “Acho que foi isso. Nós ficamos mais cara-de-pau. E acho que todas as bandas daqui deveriam ficar mais caras-de-pau e acreditarem mais em si mesmas. Porque são as pessoas que estão fazendo isso é que estão se dando bem hoje em Curitiba”, explica Débora.